

4494.491
14

A' SEMPRE CHORADA,

e prematura morte

do

NOSSO AMAVEL

Libertador, e Regente,

S. M. I. O SENHOR

D. PEDRO

**D'ALCANTARA DE BRAGANÇÁ
E BOURBON.**



PORTO:

NA IMPRENSA DE GANDRA & FILHOS.

Com licença.



1834.



ELEGIA.

Lagrimas, desgraçados Portuguezes;
 Lagrimas d'amargura, e sem limite!
 Lagrimas! Não sou eu que vo-las peço,
 He a nossa Patria a brados, a Mãe Patria,
 Qu' inda ha pouco exultava triunfante
 Da terra sepulchral, que já beijára!
 Aonde vê cahir quem lhe deu vida,
 Sem que ao seu Valedor dar vida possa!
 Tal a roda do Tempo em faces vária!
 Voou á Eternidade que éra sua,
 Voou, e quem! Eu morro! E quem! deixai-me;
 Comigo não insteis n'este momento,
 Compatriotas meus, confrontai esses
 Clamores d'afflicção, com as que ouvistes
 Ternas acclamações, ser-vos-ha facil
 Saber o que nos foi arrebatado,
 Saber quanto, oxalá, jamais soubesseis!
 Nossos ficão apenas tristes restos:
 Porém não, esses mesmos vão ser nada,
 Para que só a mágoa seja tudo,
 E unicamente o cabedal tenhamos
 De querida memoria, sempre nossa,
 A despeito dos Fados, e da Morte!
Lagrimas, desgraçados Portuguezes!
 Lagrimas todos á saudade eterna;
 Pranto d'amor, de gratidão; e pranto...
 Que digo! e pranto de remorso mesmo!
 Perdoai-me, que a minha dôr blasfema;
 A desordem do peito, está nos labios,

He só nos olhos a expressão exacta!
 Para restituir-nos dias faustos,
 Seus dias extinguiu... O' caro Nome,
 Acaba de romper estes soluços,
 Tudo venceste, este interdicto vence!
 Seus dias extinguiu o amavel PEDRO!
 PEDRO! PEDRO! Eis o nome, o doce nectar,
 Que devêra gostar-se a todo o instante:
 Elle, e a memoria sua os bens sómente,
 Que a morte nos deixou, o mais foi tudo!
 Não he já nosso o Principe mais digno,
 O Principe melhor, do Povo o amigo,
 E hum amigo qual nunca Povo achára!
 Bem não ha tres Estios, que risonho,
 Na mais encantadora mocidade,
 Belicoso surgindo em nossas praias,
 Trazendo á Patria a liberdade, e os filhos;
 Veio aos seus Portuenses ajuntar-se,
 Na Lusa salvação lidar com elles:
 Ai! Tristes Portuenses, quem ouvidos
 Terá para escutar lamentos vossos!!
 No augusto aspecto fulgurava exforço,
 Em robusta saúde sustentado;
 Saúde preciosa!... O peito estalla!
 Que elle em proveito nosso gastar vinha!
 Genios d'aquelles não cobição dias,
 A só Eternidade ambicionão.
 Não ha muito que o vimos triunfante,
 Encostar essa espada generosa,
 Por interesses proprios não tomada,
 E raras vezes vista em mão Suprema!
 Essa que ao Povo deu franco resgate,
 Mortal fadiga a elle, e immortal gloria!
 Mal repousão ainda os doces échos
 Dos canticos ao Pai da Liberdade;
 E ei-lo ahi já no féretro envolvido!

Assim andão á vez o gôsto e a mágoa!
 Nem elle bem vêr pôde as obras suas,
 Nem bem tempo tivemos de gravar-lhe
 No peito a convicção, de quanto os Lusos
 Sabem reconhecer mãos bemfeitoras!
 E achaste, ó Deos, no immenso dos desastres,
 Hum d'estes para o Reino teu mimoso?!
 Tu queres se agradeça o beneficio,
 E não nos dás lugar d'agradecê-lo!
 Em vão chamamos PEDRO, só ouvimos
 Cizelar esse marmore terrivel,
 Que vai eternamente a nós sumi-lo!
 A' nossa gratidão só restão cinzas,
 Mas gratidão a cinzas de que serve?
 Em braços da Nação representada,
 Principiava o Fundador da Carta
 A mostrar quão magnifico o seu brinde,
 Prompta a Real Sancção ao justo, ao grande:
 Este sobre a conquista o seu repouso!
 Hia vendo quão bella, e sem estorvos,
 Girava a nova máquina do Estado,
 Qual mesmo a concebeo na fertil mente.
 Solícito dispunha á Filha Augusta
 Hum Thálamo ditoso; ja seus olhos
 S'apascentavão n'hum futuro doce,
 N'huma reproducção, fausta, e jucunda,
 Que o amor Paternal dobra e sublima.
 Mais dictame guardava, e novo exforço,
 Que ainda desse á Patria esplendor novo:
 Sobre as grandes empresas concluidas,
 Ainda meditava empresas grandes;
 Os Genios vastos não conhecem méta!
 Eis que Jove lhe diz : ,, Vem ca , meu Filho,
 Não cabe a Lusitanos mais ventura,
 Para mortaes que são, já não tem pouca!
 Duas vezes lhe déste a liberdade,

Com penna, e com espada insignes ambas.
 Do teu ser lhe firmaste amiga planta,
 Que jámais crestarão tempos avessos.
 Reformas tuas só levaste a cabo,
 Quaes outras mãos tocar nem saberião;
 E dar soubeste hum simultaneo lustre
 Ao Gabinete, e ao Campo das batalhas!
 Incetaste o que mais a Patria anhélla,
 Para mais luz e solidez do Throno,
 Muito fizeste, além d'humano foste!
 Homens podem fazer agora o resto.
 Hua existencia breve, quam brilhante,
 Has convertido em seculos de gloria!
 Portugal não he Ceo, he necessario
 Deixares essa Patria, a mim pertences.
 A sentença d'hum Deus, foi qual são todas
 As do Terrivel, firme em seus designios.
 Morreo o amavel Pedro! Chorem troncos,
 E bradem bronzes mesmo, se homens faltão!
 Morreo!.. Mas que profiro! Atroz palavra,
 Não negrejes em bocca Lusitana!
 A Eternidade o reclamou avára,
 Só o que ella não quer jaz nessa terra.
 Lá tem o Imperador, que fez o Imperio,
 E melhor galardão bem merecia:
 Despertar hade hum dia, esse sepulchro,
 Pesar, que, ainda bem, a nós não cabe!
 Lá tem o Rei, que se não fêz o Reino,
 Pôde, e com mais trabalho, a nós torná-lo
 Da mão usurpadora, palmo a palmo.
 Lá tem o excelso, que só quiz diademas
 Para os abrilhantar, e abrir mão delles;
 E que só como Duque de Bragança,
 Quiz ser Libertador da sua Patria.
 Para deixar mais proxima ao seu Tronco
 Mór gloria, que a de Reis, e Imperadores!

Lá fulge nessa immensa Eternidade
 O exemplar dos Regentes, não sinistros!
 Dous Sceptros possuo, e cedeo ambos,
 Conservando o que mais do Sceptro péza
 Em prol dos Luzos seus, da cara Filha,
 Em quanto a Lei, o Throno lhe vedava!
 Nessas tormentas ultimas de hum leito
 Meio feretro já, o Incomparavel
 Continuar não póde no Governo:
 Outros são seus deveres. O homem grande;
 Mais á beira do tumulto apparece;
 Ella o contraste seu, ella o de Pedro!
 Ao sempre seguidor da Lei de Christo,
 Cumpre agora mostrar o que foi sempre.
 Doirar soube até alli sua carreira,
 He necessario dar-lhe igual remate.
 O termo dos Heroes o mundo observa,
 E zoilos ha de sóbra que o espreitem.
 Entre os prantos de partes da sua alma;
 Entre os clamores do Palacio inteiro,
 Do Exercito, e do Povo atribulado,
 Com espirito forte, elle tranquillo,
 Abre em seu coração digna morada
 A'quelle, que nos Ceos lhe guarda assento!
 Isto, sem deslustrar seu heroismo
 Com fraquezas communs a moribundos!
 Para morrer Christão, não cumpre ao homem
 Do varonil character despojar-se.
 Pedro não treme, a formidavel fouce
 Nem o faz sossobrar, nem lhe he estranha;
 Por cem vezes a vio nos seus combates:
 Mas em seu peito vai custosa luta
 Pelas familias Portugueza, e sua.
 Ai! E o que são as portas do sepulchro
 Ao digno que até alli leva hum tal cargo!!
 Cuidados lá não entrão, porém todos

N'aquelles lumiares se accumulão!
 Em tanto apuro, o Illustre agonizante
 Aos sábios recorreo da Luza escolha:
 Remedio salutar de lá lhe veio;
 Ei-lo todo tranquillo. Augusta Joven,
 Digna Filha de Pedro, que momentos,
 Que momentos os teus, quando chamada
 Pela afflicta Nação tomaste o leme,
 Que hum moribundo Pai das mãos largava!!
 Da Patria salvação foi esse acôrdo:
 O que elle suffocou mal sabe a Patria!
 Mas o teu coração!... Oh! duro lance!
 Mas o teu coração!... Do Sceptro a posse
 Logo assaz te mostrou o que são Sceptros!
 Só tu, herdeira d'esse firme aspecto,
 Que jámais transpirar deixou angustias,
 Podéste com gentil serenidade
 Prestar o formidavel juramento,
 Que te ligou ao Throno, á Lei, e á Patria!
 Sempre nos lembrará o luto, e a gala
 D'aquelle dia fausto, mas terrivel!
 Consola-te porém, Grande Rainha,
 Que déste a hum caro Pai amargurado
 Huma paz, nos seus ultimos instantes,
 Que o Reino que te deo não valle tanto!
 Consola-te: o Diploma teu primeiro
 Grã-Cruz o declarou da Torre e Espada:
 Acabou de mostrar-lhe hum rasgo d'estes,
 Que Rainha deixava aos Portuguezes;
 Quão justa premiadora nella tinham
 O Merito, o Valor, e a Lealdade.
 „ Esta insignia, diz elle, me conservem,
 „ E a minha banda, o mais em nada tenho;
 „ Com isto descer quero ao meu jazigo.
 Ai! Dessolado Exercito, e quão puro,
 Quão vivo amor tiveste no seu peito!!

O Imperador, o Duque de Bragança,
 Como teu General quiz sepultar-se;
 Honras que mais amou, só quiz agora:
 Vê o amante da gloria em seus despojos,
 Qual a teu lado o viste nas campanhas,
 Dando-nos Patria, abrindo-nos as portas
 Dos nossos lares, com a invicta espada!
 São aquelles os braços valorosos,
 Que os sempre verdes louros te enfeixarão;
 Aquelles são os carinhosos braços,
 Que do leito da morte se estendêrão,
 Para cingir-te ainda ao terno peito,
 Para cobrir-te das caricias meigas,
 Que fugião com essa cara vida,
 E dar-te aquelle adeos, tão doce e triste,
 Que a morte nunca mais repetir deixa!!
 Bem quereria hum cóllo só tivesses,
 Por melhor enlear-se ao que mais ama:
 Mas em Soldados teus, te abrangeo todo
 Com ternura, que todo te commove!
 Transmittio-te hum abraço, intenso abraço,
 Capaz de te mostrar justa saudade,
 Que naquelle momento o acompanhava!
 Capaz de te mostrar o justo apreço,
 Em que teus feitos d'armas teve sempre!
 O' quinto Batalhão de Caçadores,
 Pedro, de teus Soldados o primeiro
 Quiz, para consumir vontade heroica,
 Ao deposito eterno o conduzisses.
 Tal como a tua gloria, a magoa tua!
 E quão largo quinhão te cabe, ó Povo,
 Nesta universa dôr! Ah! Tú perdeste
 Hum fiel, e talvez unico Amigo!
 Outros julgados taes acabão ricos;
 Este que hum Reino, que hum Imperio teve,
 Só gloria enthesourou, lidou sómente

Por o bem summo de deixar-te livre.
 Nada perturba essas amadas cinzas,
 Justiça as guarda, em sua paz descansão.
 Ahi não tem que reclamar a Patria;
 Ahi sim, se levanta hum juz eterno
 A seus disvellos, por objectos caros,
 De que impedio cuidar o cuidar della.
 Outra cousa não cabe a Portuguezes,
 Senão bem claras dividas, e pranto;
 Sentimento de Portuguezes digno,
 Não esse, que devóra a quem já tarde
 O merito vê só por mãos da morte.
 De lagrimas he mar a Patria inteira:
 Mas ah! Que serás tú! Como dizê-lo!
 Que serás tú! Embaraçado oscillo!
 Hum passo mais cruel se me depara!
 Deixem-me á minha dôr dar desafogo!
 Tú que serás, desventurado Porto!
 Qual tua magoa! O teu Heroico Amigo;
 Tocado já do golpe lamentavel,
 Já maior o seu mal que as suas forças,
 Veio com bem trabalho visitar-te,
 Vêr o seu caro Companheiro d'armas
 Pela ultima vez; quem o diria!!
 Em desempenho de promessas suas,
 Suas, e basta; o teu dilecto Augusto
 Veio mostrar-te a candida Rainha;
 Da empreza que elle, e tú principiaste,
 O remate mostrar-te, e o de seus dias;
 Duro preço da nossa liberdade!
 O Principe que sempre te afagára,
 Dobrou para contigo, se he possível,
 Affagos, e era aquillo despedir-se;
 Da luz que vai a nada erão reflexos!
 Tuas acclamações, teus gratos vivas,
 Deverião ser logo estes lamentos:

Tão trocados no mundo andão affectos!
 Assim se illude a triste humanidade!
 Nobres, Plebeos, de todas as idades
 Elle meigo acolheo, procurou tudo
 Que bem podesse uni-lo a Portuenses:
 Só o que he Portuense, lhe era doce!
 Visitou Hospitaes, e bem quizera
 Proseguir na clemencia, joia sua;
 Mas ha já feito assáz, tem a clemencia
 Como as demais virtudes, seus limites.
 Titos não podem ser quanto ser querem.
 Ao pé da Eternidade, e n'hum theatro
 De seus feitos, o Heroe aproveitando
 O momento, e o lugar para o recreio
 De altas recordações, em brinco mostra
 O que era hum duro assalto, hum desembarque
 Por debaixo de balas, e de bombas!
 Não quiz baixar ao sepulchral descanso,
 Sem mostrar á Rainha seus atletas,
 N'esse veloz bosquejo, inda terrivel!
 Parece, que no cabo da existencia
 Duplicava seu merito sublime,
 Para dobrar da perda o sentimento!
 Ah! Principe cruel, que assim vieste
 Captivar mais os tristes Portuenses,
 Para mais lhe mover saudade agora!
 Mas cruel?... O amoroso, o terno Pedro?...
 Desculpa excessos taes, alma innocente;
 Alivios são de angustias desmedidas,
 E o teu Porto he quem d'esses necessita:
 Não lh'os negues, benigno sê com elle,
 Como já tão benigno lhe acudiste!
 Concede ainda á sua intensa mágoa
 Desafogo maior, se não estalla!
 Deixa-o queixar do teu Legado mesmo;
 Legado, sim, querido, e precioso;

Mas duro de aceitar ! Os Portuenses
 São para tudo grande, e inacessivel;
 Porém não para tanto! Ceos escuros,
 Porque razão ingrato não foi Pedro?
 A ingratidão remedio he da saudade.
 Ahi tens, ó Cidade lamentavel,
 Esse Cofre sagrado, o que elle encerra
 Não me atrevo a dizê-lo; ahi as cinzas
 D'quelle aonde tú morada tinhas,
 Centro de heroicas, e amorosas chammas!
 Pullava só por ti, e a Heroicidade;
 Vossos forão seus ultimos palpites:
 A vida ao escuar-se, ahi hum pouco
 Se demorou, para ser vossa ainda!
 Guarda, e venera esse thesouro eximio:
 Nelle te deixou Pedro hum testemunho
 D'amor, que te ennobrece, e te atormenta;
 Hum livro insigne, aonde os homens grandes
 O esforço estudarão e o soffrimento!
 Guarda e venera esse thesouro eximio:
 Não perguntes qual he, nem o descubras...
 Com ser teu valor tanto, eu não te sinto
 Capaz de suportar tão duro imbate!
 Dizei agora, Portuguezes todos!
 Todos sim, penseis vós como pensardes:
 Quando hum Pai pela morte arrebatado,
 Não vêmos os bons filhos apinhar-se
 Junto da terna Mãe, como guardando
 Da fera, que desceu sobre seus lares,
 Essa do abrigo seu cara metade?!
 Não misturão seu pranto?! Não se ajudão
 No duro padecer?! Não se consolão?!
 Aquella união doce de famillia,
 Aquellas mutuas lagrimas, não fazem
 Desarmar a orfandade, manso e manso?!
 Pois assim a Rainha consternada,

Ao seu Throno dezeja unidos ver-nos,
 Para chorar com-nosco o infausto golpe,
 Para o dó repartido hir mais suave.
 Entrando carinhosa em seu Reinado,
 Voltar não sabe a face encantadora:
 Quer só lagrimas puras, e amor digno,
 Capaz de hir desfazendo o triste luto!
 Ah! choremos, e unamo-nos com ella!
 Do seu e nosso Pai amarga falta
 Este vinculo adóce; estranhos mesmo
 Em tão sacro dever são Portuguezes:
 E haverá Portuguezes que o não sejam?!

Em 4 de Outubro de 1834.

Por *Antonio Joaquim de Mesquita e Mello*,